

Cenário econômico de 2019 traz boas perspectivas à indústria nacional

Transição de governo, sinalização sobre avanços nas reformas estruturantes e retomada da demanda interna justificam boas expectativas para este ano



A economia brasileira deve apresentar um crescimento de 2,7% em 2019, impulsionada pela expansão de 3% da indústria e de 6,5% do investimento. O consumo das famílias, outro importante motor do crescimento, deve registrar um incremento de 2,9% este ano. As perspectivas estão listadas no Informe Conjuntural – Economia Brasileira, divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em dezembro último.

Além das estimativas positivas para o ano, o Informe Conjuntural da CNI aponta que há espaço para um crescimento maior e sustentado. Isso porque, se os avanços na agenda da transformação e das reformas propostas pelo novo governo forem substantivos, a resposta dos agentes econômicos poderá ser mais rápida, potencializando o crescimento. Conforme avalia a CNI, os consumidores teriam confiança para suas decisões de consumo e os empresários maior disposição para investir e contratar. Esse cenário justifica o estudo realizado pela entidade, a taxa

anual de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) poderia alcançar 3% ou mais no segundo semestre do ano.

A confirmação das perspectivas, contudo, está atrelada às medidas tomadas pelo governo que assumiu em janeiro último. A entidade acredita que as previsões só se consolidarão se houver um ajuste duradouro nas contas públicas, em paralelo a avanços nas reformas estruturantes necessárias, como a previdenciária e a tributária, e à adoção de medidas para melhorar o ambiente de negócios, entre elas, a desburocratização. “As discussões a respeito de todos esses pontos estão acontecendo. A grande questão é o tempo em que as medidas de fato ocorrerão. Além do tempo, o grau de ambição das reformas é o que vai determinar um crescimento mais ou menos forte, não só nesse como nos próximos anos”, contextualiza Marcelo Azevedo, economista da CNI. “As medidas serão capazes de solidificar a confiança que temos acompanhado atualmente e transformá-las em resultados mais



consistentes em termos de produção, emprego e investimentos, solidificando o crescimento esperado”, sublinha ele.

Azevedo ainda destaca que o diagnóstico sobre o cenário atual já está feito. “Há um consenso sobre a necessidade de colocar as reformas tanto previdenciária quanto tributária em prática. Os desafios para chegar a elas, no entanto, incluem dificuldades políticas para avançar nos temas”, avalia. Segundo o economista da CNI, o passo seguinte demanda alinhamento entre o Congresso e os diferentes grupos que formam a esfera política.

As resoluções do governo em prol de uma economia mais estável atrairia investidores e deixaria o câmbio mais estabilizado — resultados que beneficiariam a atividade industrial como um todo, trazendo impactos positivos tanto a segmentos mais atrelados ao mercado interno quanto àqueles voltados à exportação, conforme avaliação de Azevedo. “Quando falamos em tributos, não falamos só da carga, mas da complexidade e das incertezas que geram. A reforma necessária é bastante ampla, considerando que envolve também os profissionais dedicados



Azevedo: “Há um consenso sobre a necessidade de colocar as reformas, tanto previdenciária quanto tributária, em prática. Os desafios para chegar a elas, no entanto, incluem dificuldades políticas para avançar nos temas”

ao pagamento desses impostos. Com a implementação das mudanças, portanto, teríamos ganhos já bastante imediatos em diferentes frentes”, justifica o economista da CNI.

Essas e outras medidas prioritárias para o Brasil voltar a crescer estão na Agenda dos 100 Dias – Brasil 2019, que a CNI apresentou à equipe de transição do governo de Jair Bolsonaro. As sugestões foram selecionadas nos 42 documentos que a CNI apresentou aos candidatos à Presidência da República, em julho último. “A CNI coloca esse diálogo em prática desde sempre. Por isso, inclusive, a conversa aconteceu com todos os candidatos à Presidência, compartilhando a visão da entidade sobre o que consideramos necessário para a competitividade da indústria nacional”, afirma Azevedo, esclarecendo que a Agenda de 100 Dias aponta questões que podem ser resolvidas no curto prazo, com pouco esforço, porém resultados expressivos.

Para embasar a lista de demandas prioritárias da indústria nacional, a CNI usou dados da Sondagem Industrial, pesquisa realizada trimestralmente pela entidade com os diversos setores industriais. Entre as principais dificuldades apontadas pelos *players* que compõem a indústria nacional,

na Sondagem Industrial de dezembro último, a elevada carga tributária aparece na primeira posição do ranking – o percentual de assinalações aumentou entre os dois últimos trimestres de 2018, passando de 42,7% para 47,6%, enquanto a demanda interna insuficiente também permaneceu na segunda posição do ranking, com 31,1% de assinalações, e a falta aliada ao alto custo da matéria-prima posicionaram-se no terceiro lugar do ranking – embora a assinalação tenha passado de 27,9%, no terceiro trimestre, para 23%, no último trimestre de 2018.

Mapa e Sepec mostram-se abertos para dialogar com o setor

À frente do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a ministra Tereza Cristina garante que as portas estão abertas para o diálogo franco com todos os segmentos. “Tenho recebido meus colegas parlamentares, tratado com ministros, secretários, membros do setor privado, cooperativas e movimentos sociais. Quem tem assunto relacionado ao nosso dia a dia está sendo ouvido, sem restrições. Meu objetivo é um só: destravar as ações e fazer uma gestão ágil, que ajude a avançar ainda mais o agronegócio, uma atividade que tem sido fundamental para a recuperação econômica do nosso País”, afirma a ministra.



Ao considerar a relevância do agronegócio à economia brasileira, a ministra Tereza Cristina frisa que a adoção do autocontrole por parte do setor privado é uma das prioridades do Mapa

Falando da indústria de celulose e papel especificamente, Tereza relata que muitas demandas do setor foram abordadas no Plano Nacional de Desenvolvimento de Florestas Plantadas, lançado recentemente. “Nele, estão previstas ações como a compra de terras por estrangeiros e a retirada da atividade de silvicultura do rol de atividades potencialmente poluidoras”, informa ela. “O diálogo com o setor deve ser permanente, usando, inclusive, a câmara setorial dessa atividade. As câmaras como um todo vão se tornar mais funcionais, trabalhando de forma unificada”, adiciona sobre os próximos passos previstos.

Ao considerar a relevância do agronegócio à economia brasileira, a ministra frisa que a adoção do autocontrole por parte do setor privado é uma das prioridades do Mapa. “As empresas se responsabilizam pelos seus produtos, pelo que colocam no mercado, atendendo às exigências dos mercados consumidores. Ao governo, cabe normatizar, fiscalizar, implantar e executar as políticas públicas”, fala sobre o que acredita ser o papel de cada ator. “Aspiro a gestão sem paternalismos, apoiando as atividades, incentivando a geração de emprego e de renda, promovendo o agronegócio, deixando cada um ser responsável pela sua atividade”, completa ela.

Entre as ações programadas para chegar à gestão almejada, estão a simplificação e a desburocratização das atividades, sem, contudo, precarizar os serviços. “Nossa atuação deve ser em prol de descomplicar, não atrapalhar, oferecendo suporte para que o agronegócio se desenvolva ainda mais, ocupando maiores espaços no mercado mundial. Estamos unificando as câmaras setoriais que funcionam no ministério. O objetivo é o mesmo do governo Bolsonaro: identificar semelhanças e unir esforços para obter resultados bem objetivos”, exemplifica a ministra, citando medidas já em andamento.

Tereza cita ainda que as negociações internacionais são parcela importante da agenda de trabalho em prol da ampliação da presença do agronegócio brasileiro no mundo. “Já tenho viagens programadas com essa finalidade. Mas lembro que as atividades do Mapa se ampliaram e vou dedicar minha atenção a cada uma delas, com o mesmo olhar para todos os produtores.”

Quanto aos desafios que deve enfrentar ao longo de sua gestão, Tereza diz acreditar que entraves sempre existirão, já que o Brasil “é um competidor ativo no cenário mundial e, volta e meia, tentam impor retaliações econômicas ou tratar o País como terra sem lei, onde o meio ambiente não é respeitado”. Para tratar tudo isso, planeja a ministra, será preciso serenidade. “Faz parte do jogo comercial, mas vamos agir efetivamente. Temos o mecanismo de câmaras recursais, e, no caso dessa

imagem negativa propalada por competidores externos, vamos enfrentá-las com argumentos fortes e contundentes. Temos leis ambientais rígidas que são respeitadas, 66% de nossas matas nativas são preservadas e o produtor rural sabe da importância de assegurar nossos mananciais, nascentes, rios e córregos para o resultado de sua produção”, destaca ela.

Vale citar que as exportações brasileiras do agronegócio atingiram US\$ 6,63 bilhões no primeiro mês do ano, 7,4% acima dos US\$ 6,17 bilhões de janeiro do ano passado, de acordo com registros do Mapa. No acumulado de 12 meses, entre fevereiro de 2018 e janeiro último, o resultado chegou a US\$ 102,14 bilhões, em alta de 6% em comparação com os US\$ 96,32 bilhões dos 12 meses imediatamente anteriores. As importações de produtos do agro totalizaram US\$ 14,04 bilhões, com retração de 0,5% em relação ao período anterior. Com isso, o saldo no período foi de US\$ 88,10 bilhões (+7,2%).

Os principais desempenhos por segmentos do agro foram complexo soja, com 40,3% de participação; carnes, com 14,2%; produtos florestais, com 14,1%; complexo sucroalcooleiro, com 7%; e cereais, farinhas e preparações, com 5%. De acordo com a Secretaria do Comércio e de Relações Internacionais do Mapa, esses produtos, que representaram 79,1% do total exportado pelo setor do agro, entre fevereiro de 2017 e janeiro de 2018, agora passaram a representar 80,8%. O aumento da concentração se deve à expansão das vendas do complexo soja e de produtos florestais, especialmente farelo de soja, soja em grão e celulose.

A Secretaria Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade (Sepec), do Ministério da Economia, também está comprometida a reverter o cenário pouco competitivo que vinha aplacando os segmentos industriais ao longo dos últimos anos. Para driblar os juros altos, impostos crescentes e outra série de obstáculos, os técnicos da Sepec garantem que irão trabalhar para apoiar o setor produtivo em suas principais demandas. De acordo com a Sepec, é preciso saber o que mais tem atrapalhado o crescimento e desenvolvimento das indústrias e empresas brasileiras para realizar um trabalho conjunto, ao lado dos empresários, para destravar a economia.

Esse apoio, informa a Sepec, virá de várias frentes. A Secretaria pretende, por exemplo, combater monopólios públicos, e também privados, que tanto atrapalham a concorrência. Também trabalhará para que a inovação atenda de fato ao setor produtivo e ofereça soluções para indústrias, comércio e serviços. Buscará ainda aprimorar políticas de desenvolvimento de capital humano e de ampliação da concorrência e da competitividade.

Na visão da Sepec, alguns dos principais gargalos que impactam a indústria nacional estão no setor de infraestrutura, envolvendo custo e logística de transporte de mercadorias, nos níveis nacionais e subnacionais; na dificuldade de inovação e soluções tecnológicas de ponta atenderem às demandas do mercado; na capacitação e formação dos trabalhadores, e na excessiva regulamentação – questões sobre as quais a equipe da Sepec se debruçará nos próximos meses, lembrando que está a serviço do setor produtivo e que deseja construir conjuntamente uma agenda de trabalho no Ministério da Economia.

A partir dos propósitos listados, um dos projetos da Sepec é criar “Mesas Executivas” com representantes do setor privado e público – o que a Secretaria define como um locus de diálogo entre o governo e o setor privado, com o objetivo de priorizar ações que promovam o aumento da produtividade, competitividade e a melhoria e simplificação do ambiente de negócios. As Mesas darão atenção especial às ações que atinjam vários setores da economia, formando, portanto, uma agenda suprassetorial.

A Reforma da Previdência, o controle de gastos públicos e as privatizações são outras medidas previstas que devem destravar a economia já nos próximos meses. Também estão na agenda governamental a Reforma Tributária, a abertura comercial sem ideologias e outras reformas administrativas profundas – medidas que, conforme destaca a Sepec, impactam diretamente a indústria de celulose e papel, que está entre as dez mais importantes do Brasil.

Além dessas medidas, a Sepec almeja atacar pontos que atrapalham a produtividade. A Secretaria acredita que a inovação e a biotecnologia têm papel-chave nesse setor produtivo, por permitirem redução de custos e processos produtivos com menos impacto ambiental. Para avançar nesses pontos, acredita ser necessário as universidades brasileiras terem mais liberdade para trabalhar com as empresas e oferecer soluções cada vez mais inovadoras. Considerando que inovação e propriedade intelectual são ferramentas importantes para o desenvolvimento do Brasil, a Sepec afirma que o processo de concessão de patentes no País também precisa ser otimizado.

Ainda dando enfoque à necessidade de investir em inovação, a Sepec aponta que a indústria vem passando por grandes transformações nos últimos anos. A digitalização é um vetor de transformação de processos, produtos, serviços e também um modelo de negócio que tem impactado significativamente a atividade industrial. Neste contexto, a 4.ª Revolução Industrial oferece so-

luções para importantes desafios nacionais em áreas diversas. No entanto, pondera a Secretaria, ainda há no Brasil um grande desconhecimento sobre os conceitos da Indústria 4.0 e suas aplicações.

Para que sejam alcançados novos patamares de produtividade e competitividade, a Sepec acredita que as empresas precisam incorporar essas novas competências tecnológicas e de negócios. Isso requer, entre outras coisas, mobilização imediata do setor produtivo, já que o futuro da economia brasileira passa, necessariamente, por essa nova Revolução Industrial. Ainda na visão da Secretaria, a sociedade e todas as esferas do poder público também precisam estar preparadas para esse novo tempo, promovendo um esforço conjunto que posicione o Brasil estrategicamente nesse contexto global.

Alvacir Hayashi Ferreira, professor de economia da IBE Business Education, conveniada FGV, ressalta que o Brasil vem caindo consideravelmente no ranking global de competitividade. “Em 2013, assumíamos a 48.^a colocação, despencando para posições abaixo do 80.^o lugar entre 2017 e 2018. Com essa perda na competitividade, o crescimento econômico do País fica comprometido, gerando ainda problemas com a renda e o desemprego”, informa, concordando com a necessidade de mudança conjunta.

Citando a indústria de celulose e papel como exemplo de segmento que dribla os desafios estruturais, apostando no fortalecimento da própria competitividade, Ferreira credita o baixo custo de produção

da celulose brasileira à utilização da biotecnologia e engenharia genética. “Aliadas às condições climáticas favoráveis, os avanços conquistados pelo setor colaboraram com elevada produtividade brasileira, especificamente na etapa florestal.”

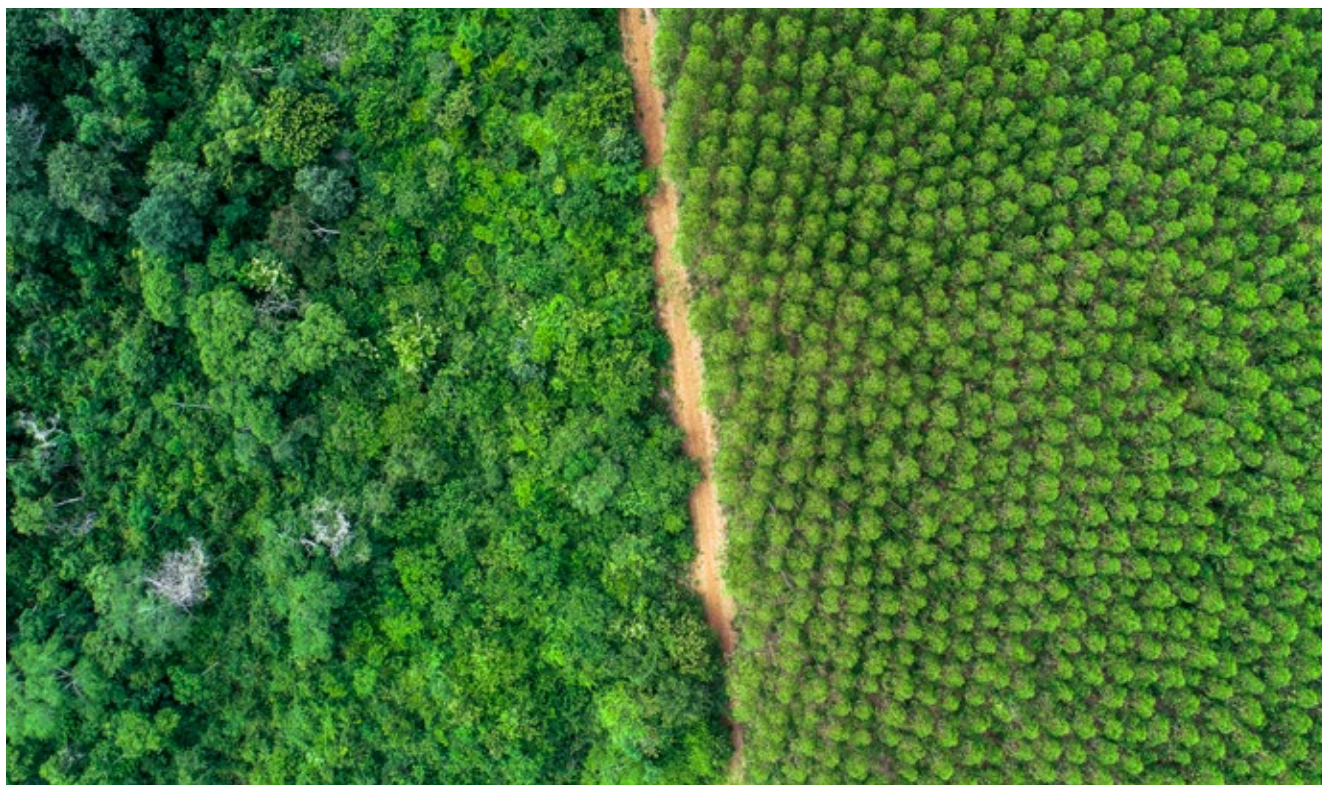
Apesar dos desafios, setor registra balanço positivo em 2018

Com representatividade de 6,1% no PIB Industrial, o setor de árvores plantadas registrou um desempenho satisfatório no último ano. De acordo com os dados mais recentes da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), o valor das exportações de produtos florestais totalizou US\$ 23,9 bilhões, entre janeiro e dezembro de 2018.

O último levantamento da IBÁ também confirmou mais um recorde de produção de celulose no último ano, com uma produção de 21 milhões de toneladas frente às 19,5 milhões de toneladas produzidas em 2017, valor que representa uma variação de 7,7%. Do valor total produzido ao longo de 2018, a entidade informou que a celulose exportada somou 14,7 milhões de toneladas, número que reflete um incremento de 11,5% em comparação à exportação do ano anterior.

Já a produção de papel encerrou 2018 estável, quando comparada com 2017, chegando a 10,4 milhões de toneladas, conforme apontam os últimos dados da IBÁ. Com a economia ainda em recuperação, analisa a entidade, o consumo não aqueceu o suficiente para que a

Com representatividade de 6,1% no PIB Industrial, o setor de árvores plantadas registrou um desempenho satisfatório no último ano



RICARDO TELES

demanda crescesse. O papelcartão, que é utilizado principalmente para embalagens, e o tissue, basicamente destinado para higiene pessoal, têm demonstrado crescimento, mas ainda sem escala para alterar o resultado do setor, enquanto a produção do papel para imprimir e escrever manteve-se estável.

Avaliando o desempenho do setor ao longo de 2018, Marcio Funchal, diretor de Consultoria da Consufor, pontua que o ano foi difícil para toda a indústria nacional, embora pequenos sinais de retomada, em termos agregados, tenham sido vistos. “A produção industrial brasileira mostrou pequena retomada de crescimento, assim como as vendas do comércio varejista e do setor de serviços. Contudo, a recuperação ainda está longe de acontecer”, esclarece ele.

Uma vez que a economia seguiu andando de lado, continua Funchal, os segmentos mais impactados foram aqueles atrelados à demanda interna, incluindo praticamente todos os tipos de papéis. A exceção fica por conta dos papéis tissue, cujo mercado nacional tem crescido nos últimos anos, explicando os aumentos de capacidade de produção realizados pelos *players* brasileiros nos últimos anos.

Voltada ao atendimento de clientes internacionais, a celulose de fibra curta brasileira despontou com bom desempenho em 2018. “Seu ritmo de produção e vendas tem acompanhado o crescimento da economia mundial. Por isso, o último ano foi bem positivo para o segmento”, explica Funchal.

Carlos Alberto Farinha, vice-presidente da Pöyry Tecnologia, também divide o setor por segmentos ao avaliar os resultados de 2018. “São mercados com comportamentos bem distintos: enquanto o mercado de celulose é muito direcionado à exportação e, portanto, muito dependente do ambiente econômico exterior, o mercado de papel é, em grande parte, dependente da situação do ambiente socioeconômico doméstico”, frisa. “Podemos afirmar que 2018 foi um ano de bons resultados para a celulose de exportação, beneficiando-se de uma demanda sólida, de um bom nível de preços e taxas cambiais favoráveis.”

Farinha ressalta que a produção brasileira de celulose para mercado segue bastante competitiva, baseada em tecnologia de ponta tanto na área florestal como industrial. “As unidades fabris apresentam uma boa economia de escala. Isso, combinado a uma boa logística florestal, que apresenta raios médios de transporte otimizados para suprimento de madeira para as fábricas, conduz a custos de produção mais baixos do que a maioria da concorrência internacional.”

A Ásia confirma-se como destino de mais da metade

das exportações brasileiras de celulose – apenas a China respondeu por 42%, consolidando-se como o maior cliente, com um valor importado quase igual aos valores de importação da América do Norte e Europa combinados, segundo informa o vice-presidente da Pöyry. A Europa destaca-se como o segundo destino da celulose brasileira, com cerca de 32% do total e apresentando um crescimento de cerca de 31% em relação a 2017. “As partidas recentes das novas unidades da Fibria (Três Lagoas-MS) e da Klabin (Ortigueira-PR) ajudaram a consolidar a posição brasileira como exportadora de celulose de fibra curta no mercado global, assegurando uma continuidade imediata de fornecimento para atender à demanda crescente”, adiciona Farinha. Além disso, informa sobre o segmento, a continuação da produção de celulose fluff pela Klabin (fibra longa) e Suzano (fibra curta) tem reduzido significativamente a dependência do País nas importações deste tipo.

Quanto aos segmentos do papel, Farinha concorda que 2018 foi “um ano de produção estagnada como um todo, com apenas a produção de papéis para fins sanitários e papelcartão crescendo 3,9% e 3,7% respectivamente”.

Dando enfoque ao desempenho do papel tissue, Pedro Vilas Boas, diretor da Anguti Estatística, ressalta que o segmento continuou convivendo com a forte alta de preços da celulose e das aparas brancas, ao longo de 2018, fator que impactou os custos de produção dos fabricantes. “Além disso, o crescimento da capacidade instalada de produção gerou certo excesso de oferta, dificultando o repasse do aumento dos custos da matéria-prima”, citou ele outra particularidade do último ano.

Os produtores de papel para embalagem, por sua vez, vinham ganhando fôlego em seus negócios até a ocorrência da greve dos caminhoneiros, em maio último. “Após a greve que prejudicou a economia de todo o País, a recuperação que vinha ocorrendo tornou-se bem mais fraca. Os custos de matéria-prima, principalmente as aparas marrons, também impactaram a atividade. Como os fabricantes de caixas não conseguiram repassar o aumento de custos, o segmento viu uma forte redução de suas margens operacionais, a partir do segundo semestre de 2018”, contextualiza Vilas Boas.

Os resultados, apesar de similares aos de 2017, vieram acompanhados de um diferencial importante: “o início da recuperação econômica, visto no final do último ano, permitiu aos dois segmentos uma melhora no escoamento da produção”, afirma o diretor da Anguti Estatística. “O ano de 2018 terminou com uma percepção de melhora, com investidores, consumidores e indústria brasileira acreditando em um cenário de retomada do crescimento econômico”, corrobora Funchal.

Os produtores de papel para embalagem vinham ganhando fôlego em seus negócios até a ocorrência da greve dos caminhoneiros, em maio último, que prejudicou a economia de todo o País

"As partidas recentes das novas unidades da Fibria e da Klabin ajudaram a consolidar a posição brasileira como exportadora de celulose de fibra curta no mercado global, assegurando uma continuidade imediata de fornecimento para atender à demanda crescente", informa Farinha



Recuperação econômica promete alavancar ritmo de crescimento

A recuperação econômica vista no final de 2018 deve se estender aos primeiros meses deste ano. Na visão de Vilas Boas, tende a ser ainda mais consistente, contribuindo com o desempenho dos segmentos tissue e de embalagem. "Só o fato de termos um novo governo já está trazendo impactos positivos à expectativa de melhora da economia. Se o governo atual propuser e implantar medidas no rumo certo, poderemos ter uma melhora ainda maior no ritmo de crescimento."

Neves constata que o mercado de papel imprensa decresce em ritmo acelerado em todo o mundo – fato que também ocorre no Brasil nos últimos anos



Um eventual ritmo acelerado de crescimento, pondera o diretor da Anguti Estatística, pode exigir muito das fábricas de embalagens com abastecimento de aparas. "Apesar de esperarmos uma boa recuperação na rentabilidade das empresas do setor de embalagem, identificamos uma ameaça com relação aos preços das aparas. Isso porque, caso a economia apresente uma recuperação forte, podemos ter falta da matéria-prima e preços em alta a partir do segundo semestre, particularidades difíceis de serem absorvidas pelas fábricas de papel de embalagem", esclarece ele.

Em contrapartida, o cenário pode ser benéfico ao tissue, "que sempre se beneficia com o aumento de renda da população", aponta Vilas Boas. "Adicionalmente, não teremos grandes novas capacidades entrando em operação, sendo possível consolidar os projetos do ano passado, sem grandes impactos na rentabilidade do setor. E como as matérias-primas, principalmente a celulose, estão apresentando tendência de queda de preços, o segmento deve ter um ano de recuperação", completa.

Farinha também vislumbra que o início de um novo governo soma fatores positivos à retomada econômica. "Sua atuação, especialmente nas áreas social, econômica e tributária, e também na abertura do País ao exterior, deve ter um impacto profundo no comportamento da sociedade no médio e longo prazos e, portanto, do mercado doméstico. Isso afeta, sobretudo, o setor de papel", esclarece. "A crise econômica que afetou o Brasil nos últimos três anos freou um pouco esse crescimento, mas ele deve ser mantido para os próximos anos em função da prevista recuperação econômica do Brasil", adiciona Manoel Neves, gerente de Estudos Econômicos da Pöyry.

Neves ressalta que o crescimento econômico deve impulsionar o mercado doméstico para papéis corrugados, cartões e tissue. Do ponto de vista das exportações, os destaques ficam por conta dos papéis kraftliner e de imprimir e escrever. "Com relação a esses últimos, o mercado global está estável ou com ligeiro decréscimo nos últimos anos. As taxas negativas devem-se, principalmente, aos países de economias mais maduras. Em alguns países emergentes, a demanda por papéis de imprimir e escrever ainda cresce um pouco. Nesse mercado, o Brasil é um tradicional exportador, principalmente no formato A4", comenta. Já o mercado de papel imprensa, continua Neves, decresce em ritmo acelerado em todo o mundo – o mesmo ocorre no Brasil nos últimos anos

Amplamente fragmentado em todo o mundo, o mercado de papéis especiais vem crescendo de forma significativa em quase todos os segmentos já há algum tempo. "No Brasil, é um mercado um pouco mais restrito, mas, da mesma forma, apresenta uma tendência positiva de



DIVULGAÇÃO JP

A produção brasileira de celulose para mercado segue bastante competitiva, baseada em tecnologia de ponta tanto na área florestal como na industrial

crescimento da demanda na maioria de seus segmentos (papéis térmicos, decorativos, glassine, papéis para etiquetas, filtros e papéis com barreiras, entre outros)", informa Neves.

Dando enfoque às perspectivas para o segmento de celulose, Farinha alerta que a exportação de celulose branqueada de eucalipto pode ser afetada, no curto prazo, pelas tensões provocadas pela guerra comercial entre os Estados Unidos e a China. "Os reflexos desta situação são globais, mas com maior grau no desaquecimento da economia chinesa", comenta o vice-presidente da Pöyry.

De qualquer forma, ressalta Farinha, os fatores fundamentais que impulsionam o consumo global de ce-

lulose de fibra curta mantêm-se: urbanização crescente nas áreas em desenvolvimento, com melhoria do poder aquisitivo, especialmente na Ásia; adoção de hábitos ocidentais de higiene; mudança do padrão de crescimento da economia chinesa, mais focada para o setor de consumo e serviços; adoção de medidas por parte do governo chinês para incrementar o crescimento, embora à medida que a base de cálculo aumenta, isto é, à medida que o volume da economia chinesa aumenta e que a região se aproxima de exibir um perfil de economia desenvolvida, é natural que altas taxas de crescimento se tornem cada vez menos sustentáveis, como falta de entrada de volumes significativos de produção origina-

A recuperação econômica vista no final de 2018 deve se estender aos primeiros meses deste ano. Na visão de Vilas Boas, tende a ser ainda mais consistente, contribuindo com o desempenho do segmento de embalagem



MARCIO BRUNO



DIVULGAÇÃO SUZANO

O cenário deste ano também pode ser benéfico ao tissue, que sempre se beneficia com o aumento de renda da população

da por novas fontes nos próximos dois anos. “O maior risco imediato que esse mercado corre seja, talvez, um agravamento e o desdobramento da guerra comercial e do novo movimento isolacionista e protecionista, acarretando uma depressão econômica global”, pontua ele.

Já o custo logístico desponta como fator que compromete a competitividade dos *players* brasileiros nos próximos anos. Conforme detalha Funchal, da Consufor, a margem dos fabricantes de celulose vêm reduzindo gradativamente, considerando que a capacidade de repassar aumento de preços ao consumidor é razoavelmente limitada. “Nos próximos anos, devemos ver um acirramento das disputas comerciais, muito em função do preço de venda/custo de operação e logística, mas também em razão das proteções comerciais impostas pelos países (barreiras tributárias e não tributárias)” – comenta, também citando o ponto enfatizado por Farinha.

Outro aspecto levantado por Funchal, ao analisar o

cenário que engloba a celulose, diz respeito à redução da importância do comércio internacional em relação à produção. “Apesar de os números mostrarem que tanto a produção como as exportação/importação mundiais têm crescido regularmente há décadas, as últimas vêm apresentando um crescimento menor em comparação à primeira”, constata. “O amadurecimento das economias emergentes tem prosperado mercados internos em diversas nações. Com isso, diversas cadeias produtivas têm surgido nesses países para atender à demanda de seus cidadãos. Então, gradativamente, aquilo que era exportado passa a ser consumido internamente”, justifica o movimento, citando a região asiática como exemplo claro.

Como isso afeta a celulose brasileira? O diretor de Consultoria da Consufor explica: “É fácil perceber o interesse dos orientais no potencial produtivo brasileiro. Assim, eles estão vindo para o Brasil com muito apetite para investimento (aquisição e participação societária), como forma de garantir a fatia da produção para seu consumo próprio. Tal tendência deve crescer nos próximos anos”.

BNDES reforça sua atuação no financiamento dos próximos investimentos

De acordo com Azevedo, economista da Confederação Nacional da Indústria (CNI), é possível notar que a intenção de investimentos da indústria nacional está em elevação, em linha com essa expectativa alta de recuperação de demanda. Contudo, dois aspectos ainda atuam como limitadores importantes: capacidade ociosa, que ainda é razoavelmente elevada e pressiona as empresas, e situação financeira delicada, que faz com que os empresários posterguem o planejamento. “Somados, esses fatores podem inibir uma retomada de investimentos mais forte neste primeiro momento”, diz o economista. “De qualquer forma, ainda que limitada por esses dois aspectos, acreditamos em uma recuperação do investimento”, aponta.

O boletim Perspectivas do Investimento 2018-2021, elaborado pelo Comitê de Assuntos Setoriais do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), faz um mapeamento dos planos de investimento em 20 setores da economia, sendo 12 da indústria e oito da infraestrutura. Os investimentos em perspectiva alcançam R\$ 1,03 trilhão, o que corresponde a uma média anual de R\$ 258 bilhões. A projeção de investimentos realizados pelo setor de celulose e papel, entre 2018 e 2021, é de R\$ 21,1 bilhões.

Pedro Paulo Dias, gerente setorial no Departamento de Indústrias de Base e Extrativa do BNDES, ressalta a representatividade da indústria de celulose e papel à economia nacional, citando os números mais recentes de exportação. “Em 2018, as exportações do setor tota-

Neves comenta que, em alguns países emergentes, a demanda por papéis de imprimir e escrever ainda cresce um pouco. Nesse mercado, o Brasil é um tradicional exportador, principalmente no formato A4



DIVULGAÇÃO IP

lizaram mais de US\$ 8 bilhões. Colocando esse valor em perspectiva do saldo da balança comercial, no período, chegamos a um valor de 26% do saldo total. Além de já ser um valor expressivo, é possível notar uma evolução grande: de 2015 para cá, o valor de exportação saiu de US\$ 5,6 bilhões para US\$ 8,4 bilhões – incremento que se deu tanto por conta de preços quanto de volume. Só no último ano, tivemos um crescimento de cerca de 11% no volume exportado”, detalha os últimos dados.

Ampliando a análise ao período dos últimos dez anos, Rodrigo Mendes, economista do Departamento de Indústria de Base e Extrativa do BNDES, informa que o setor de celulose passou de uma soma de 7 milhões de toneladas/ano para cerca de 15 milhões de toneladas/ano, comparando o volume de exportações de 2008 e 2018.

Dos projetos de expansão que levaram à expressiva ampliação de capacidade dos *players* brasileiros, ao longo da última década, o BNDES participou da maioria, com financiamentos entre 40% a 50% do total investido, afirma Dias. “Trata-se de uma indústria bastante intensiva em capital, especialmente se considerarmos os projetos *greenfield*. Dificilmente o setor consegue encontrar no mercado de crédito privado todo o capital necessário, e a um bom custo, para viabilizar esses investimentos. Isso faz com que o BNDES participe de quase a totalidade dos projetos do setor”, explica ele.

Ainda falando sobre o comportamento do mercado de crédito de maneira geral e o apoio do banco a grandes projetos, o gerente setorial no Departamento de Indústrias de Base e Extrativa do BNDES destaca que é importante considerar situações de mercado em que há aumento na aversão a risco por parte do investidor, como ocorreu no final do ano passado. “Todo esse contexto externo pode levar a um apetite menor de investidores por instrumentos de captação de recursos no mercado de capitais. Assim, o BNDES tem espaço para contribuir e atuar conjuntamente no financiamento às empresas do setor.”

A importância do recurso do BNDES aos projetos da indústria de celulose e papel se dá tanto pelo volume de capital quanto pelo prazo do financiamento necessários aos investimentos. “É possível obter um financiamento de até 20 anos para projetos de expansão de capacidade produtiva. Para um prazo tão longo, nosso recurso de fato é bastante competitivo para a viabilização dos empreendimentos”, sublinha Dias.

Conforme esclarecimento do gerente do Departamento de Indústria de Base e Extrativa do BNDES, o banco oferece a possibilidade de participação de até 80% do valor total dos projetos. O custo para adição de novas capacidades corresponde a uma taxa básica de 1,3% +

TLP (Taxa de Longo Prazo, principal custo financeiro dos financiamentos do BNDES) + spread de risco – composição de custo padrão para projetos de expansão de diversos setores produtivos. Já os investimentos em outros tipos de projeto, como inovação, melhorias relacionadas ao meio ambiente e biorrefinarias, apresentam taxa de 0,9% + TLP + spread de risco. No caso de investimentos para plantio, reforma e/ou rebrota de florestas, o BNDES concede prazos de financiamento e carência adequados ao tempo de crescimento das florestas.

Embora não haja uma estimativa específica sobre a quantia de recursos disponibilizada especificamente ao setor nos próximos anos, Dias sinaliza que a participação do BNDES nos projetos da indústria de celulose e papel deve seguir sendo expressiva. “O BNDES tem uma atuação muito ampla. Com a projeção que temos até o momento dos investimentos previstos pelo setor para os próximos anos, o montante de recursos destinado ao financiamento de novos empreendimentos não nos impõe limite para participação nesses projetos. Considerando a participação do BNDES nos projetos desenvolvidos nos últimos anos, não prevejo nenhuma diminuição nos próximos. O banco tem total condição de apoiar investimentos em novas plantas de empresas que desejem buscar nosso financiamento”, garante.

Em paralelo ao aporte de recursos a projetos de expansão dos grandes *players* do setor, o BNDES vem dando enfoque ao fortalecimento da competitividade das pequenas e médias empresas. “Hoje, o apoio do banco a esses *players* gira em torno de 50% da nossa atuação – crescimento bastante significativo registrado nos últimos anos”, informa Dias. Ele reconhece, contudo, que alguns desafios ainda precisam ser enfrentados nesse âmbito, como questões relacionadas à governança, em casos de empresas familiares, ou ainda, falta de solidez de balanço, em companhias que estão em fase de crescimento. “Por isso, o BNDES está cada vez mais apoiando o fortalecimento da competitividade dos empreendedores menores.”

Dias deixa claro, no entanto, que a atuação do BNDES junto às grandes companhias não interfere no apoio a pequenos e médios *players*. Mendes complementa a afirmação, esclarecendo que a melhora das condições de crédito no País também pode levar a uma mudança – por iniciativa própria das grandes companhias. “Empresas com atuação global têm acesso a outras fontes de financiamento e, muitas vezes, acabam deixando de procurar o BNDES voluntariamente, enquanto empresas de médio e pequeno portes têm uma capacidade de captação de mercado menor, vendo o aporte do banco como mais competitivo”, pontua ele, definindo como uma dinâmica natural do mercado de crédito, que acaba levando a um aumento de participação de outras fontes de financiamento. ■

Players do setor apresen

A Klabin registrou o 30.º trimestre consecutivo de crescimento nos seus resultados financeiros (Ebitda acumulado dos últimos doze meses). No quarto trimestre de 2018, a companhia atingiu Ebitda ajustado (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) de R\$ 1,13 milhão, o que representa crescimento de 33% em relação ao mesmo período do ano anterior. No acumulado de 2018, o Ebitda ajustado foi de R\$ 4,02 milhões, aumento de 47% em relação a 2017.

No 4T18, o volume total de vendas da companhia foi de 861 mil toneladas (sem incluir madeira). As vendas de celulose da Unidade Puma – que tem operado acima da sua capacidade nominal – atingiram 399 mil toneladas, crescimento de 10% na comparação com o 4T17, sendo 299 mil toneladas de fibra curta e 100 mil toneladas de fibra longa e fluff.

Outro destaque foi a boa performance da empresa nos segmentos de papéis e embalagens, ao registrar aumento de 8% no volume de vendas de kraftliner no quarto trimestre de 2018, com relevante impulso nas vendas ao mercado interno, que cresceu 25% na comparação com o quarto trimestre de 2017. Ao longo do período, a Klabin aumentou sua relevância e abrangência em mercados como o de frutas na Região Nordeste e na área de exportação com sacos industriais.

A receita líquida da Klabin no 4T18 aumentou 21% em relação ao mesmo período de 2017, alcançando R\$ 2,78 milhões. A companhia ressalta o aumento de 52% na receita do mercado de celulose, que atingiu R\$ 1,10 milhão, e o crescimento de 39% no mercado de kraftliner, que registraram maior volume de vendas além da melhora de preços. Na comparação anual, a Klabin registrou 9% de aumento na receita líquida da sua unidade de negócio de papéis e 7% em embalagens.



A International Paper informou que os resultados líquidos do quarto trimestre de 2018 atribuíveis à empresa totalizaram US\$ 316 milhões em comparação aos resultados líquidos de US\$ 562 milhões registrados no terceiro trimestre de 2018 e os resultados líquidos US\$ 1,5 bilhão apresentados no quarto trimestre de 2017

Impulsionados pela melhora nos resultados, no quarto trimestre de 2018 foram pagos R\$ 75 milhões de dividendos e R\$ 265 milhões de juros sobre capital próprio. Adicionalmente, a distribuição de R\$ 145 milhões de dividendos e R\$ 125 milhões de juros sobre capital próprio foi aprovada para pagamento em fevereiro de 2019.

“A Klabin encerrou 2018 com resultados financeiros sustentáveis e dentro das margens planejadas de crescimento. Nossa flexibilidade em buscar e se adaptar aos mercados de maior rentabilidade, aliada ao pleno e contínuo bom desempenho da Unidade Puma, foram alguns dos principais fatores de impulso do período”, afirma Gustavo Sousa, diretor Financeiro e de Relações com Investidores da Klabin.

A International Paper informou que os resultados líquidos do quarto trimestre de 2018 atribuíveis à empresa totalizaram US\$ 316 milhões em comparação aos resultados líquidos de US\$ 562 milhões registrados no terceiro trimestre de 2018 e os resultados líquidos US\$ 1,5 bilhão apresentados no quarto trimestre de 2017. O lucro líquido de 2018 foi de US\$ 2 bilhões em comparação com o lucro líquido de US\$ 2,1 bilhões em 2017 – o quarto trimestre e o lucro líquido de 2017 consideram um benefício fiscal de US\$ 1,2 bilhão relacionado à lei americana de “*Tax Cuts and Jobs Act*” de 2017 e reportados como um item especial. Os montantes em todos os períodos incluem a influência de itens especiais e despesas não operacionais com planos de pensão e operações descontinuadas.

“A International Paper apresentou ganhos e retornos muito fortes no quarto trimestre e no ano de 2018, impulsionada pelo sólido de-



As vendas de celulose da Unidade Puma, da Klabin, atingiram 399 mil toneladas, crescimento de 10% na comparação com o 4T17, sendo 299 mil toneladas de fibra curta e 100 mil toneladas de fibra longa e fluff

ntam resultados de 2018

sempenho comercial e operacional em nossos três negócios”, diz Mark Sutton, Chairman e CEO da companhia. “Devolvemos US\$ 1,5 bilhão aos acionistas, por meio de dividendos e recompras de ações, e reforçamos ainda mais nosso balanço patrimonial. Ao entrarmos em 2019, estamos confiantes em nossa capacidade de continuar a gerar retornos sólidos e aumentar o fluxo de caixa para criar valor para nossos acionistas”.

A Suzano, empresa resultante da fusão entre Suzano Papel e Celulose e Fibria, divulgou os resultados do quarto trimestre e do acumulado de 2018, definindo-os como o melhor ano da história da companhia. Em função de o período ser anterior à data da conclusão da combinação de bases acionárias com a Fibria, ocorrida em 14 de janeiro último, as Demonstrações Financeiras consideram exclusivamente números referentes à Suzano Papel e Celulose.

Foram divulgados também o balanço anual da Fibria, igualmente com indicadores recordes, e dados *pro forma* que buscam refletir, a partir dos resultados anuais das duas empresas, os números e resultados da nova Suzano.

A receita líquida acumulada em base *pro forma* totalizou R\$ 31,7 bilhões em 2018, expansão de 42% em relação ao ano anterior. O Ebitda ajustado e a geração de caixa operacional, por sua vez, atingiram R\$ 16,4 bilhões e R\$ 12,5 bilhões, respectivamente. Tais números, sustentados por resultados recordes das duas empresas, foram impulsionados, principalmente, pela elevação do preço médio internacional da celulose, pelo câmbio mais favorável às exportações, pelos aumentos de preços de papéis no período e pela evolução do desempenho operacional das unidades de negócio.

Os números *pro forma*, que simulam um ambiente no qual a Suzano Papel e Celulose e a Fibria já eram uma única empresa em 31 de dezembro de 2018, totalizaram uma produção de 10,3 milhões de toneladas de celulose e 1,3 milhão de toneladas de papéis. Ambos os indicadores apresentaram elevação de aproximadamente 10% em relação ao ano anterior e reforçam a visão de criação de uma das mais valiosas empresas do Brasil e de uma das mais competitivas fabricantes do setor de papel e celulose no mundo.

Walter Schalka, presidente da Suzano, salienta que 2018 foi um ano inesquecível para a Suzano, pela transformação fundamental de sua competitividade, por meio da fusão anunciada e implementada com a Fibria. “A combinação dos ativos das empresas e a combinação de pessoas tão bem qualificadas, escolhidas de forma meritocrática, fazem com que a companhia esteja melhor preparada para o futuro, criando as bases para que a empresa tenha capacidade de gerar e compartilhar valor de forma consistente.”

Integrados em um único ambiente e focados na busca pela maior competitividade proporcionada pela fusão das duas empresas, os times seguem atentos ao papel da empresa como agentes de transformação para a construção de um futuro melhor para a sociedade. “Desde o encerramento das transações que concretizaram a fusão das companhias, estamos trabalhando na captura de sinergia e também na implantação de uma nova cultura organizacional, preparando a Suzano para melhor servir a todas as partes interessadas, criando e compartilhando valor”, encerra Schalka. ■

DIVULGAÇÃO SUZANO



A Suzano, empresa resultante da fusão entre Suzano Papel e Celulose e Fibria, divulgou os resultados do quarto trimestre e do acumulado de 2018, definindo-os como o melhor ano da história da companhia